O PERDÃO COMO CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO NO BANQUETE DA EUCARISTIA: LEITURA FEITA A PARTIR DE LUCAS 15

Wilker da Silva Leite Cruz[1]

Resumo

Essa página do Evangelho segundo São Lucas, talvez, seja uma das mais conhecidas dentre os escritos do Novo Testamento, consequentemente muitas reflexões já foram feitas sobre tal texto. Entretanto as sagradas escrituras são páginas inesgotáveis, por isso também ouso em fazer a minha reflexão. Pretendo por meio deste breve trabalho traçar uma linha sobre a necessidade do perdão para só assim participarmos da festa do banquete da Eucaristia.

Palavras-chave: Pecado. Arrependimento. Comunhão. Banquete.

INTRODUÇÃO

O evangelho segundo São Lucas, dentre tantas características marcantes sobre a vida pública de Jesus, ressalta a dimensão da misericórdia. Esta característica fica ainda mais latente em seu capítulo 15, página na qual nos é contada a parábola da misericórdia. Justamente por essa característica tão marcante e impulsionado pelo tema desta semana teológica, percebe-se nesse texto as duas dimensões que a semana teológica coloca como temática que foram a eucaristia e o perdão.

A intenção primeira desse trabalho é o de analisar atentamente o texto de Lucas 15 fazendo associações do seu conteúdo com a doutrina da Igreja sobre o pecado e o perdão através do sacramento da confissão, e mostrar a necessidade do perdão para bem participarmos da comunhão eucarística e da comunhão eclesial.

[1] Aluno do 6º período de graduação em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco. Pesquisador voluntário no PIBIC. Contato: wilkerleite2013@gmail.com

Para chegarmos a esse resultado, o texto está desenvolvido em duas partes: a primeira traz a estrutura do texto presente no Evangelho segundo Lucas com associações da doutrina da Igreja sobre o pecado e o perdão, e a segunda parte do texto traz uma segunda associação, dessa vez sobre alguns elementos que estão no texto de Lucas que se fazem presentes também nos textos da santa missa.

Esse trajeto será percorrido com o intuito de demonstrar que não há como participarmos da Igreja plenamente sem antes estarmos reconciliados com Deus e com os irmãos.

1 ESTRUTURA DO TEXTO

O nosso texto de trabalho está inserido nos relatos lucanos sobre a grande viagem evangelizadora de Jesus, passando pela Samaria que, se inicia do capítulo 9,51 até o 19,27(Bíblia da CNBB).

O relato lucano se inicia colocando Jesus como alvo de dois grandes grupos: o primeiro é formado pelos publicanos e pecadores que tomam a iniciativa de aproximação de Jesus, o segundo é formado pelos fariseus e os escribas que criticam a Jesus por sentar-se à mesa com o primeiro grupo.

Sobre o gesto de Jesus sentar-se à mesa com os pecadores, Santo Tomás de Aquino, na catena áurea, cita Santo Ambrósio que diz: "… *porque a fragilidade humana não venha firmar os pés nem por um instante numa terra tão escorregadia, o bom médico nos deixou um remédio contra o erro. E, como Juiz misericordioso que é, não nos nega a esperança do perdão.*" Ou seja, o senhor vem nos resgatar da nossa debilidade humana que é consequência do pecado, e como um bom médico nos deixa os sacramentos como instrumento de seu amor e misericórdia.

O nosso texto é uma grande parábola que podemos dividi-la em três partes, a primeira que fala sobre a ovelha perdida, a segunda a dracma perdida e a última parte é a do Pai misericordioso, ou como popularmente chamamos: o filho pródigo.

Em todo o texto, podemos encontrar alguns verbos que se tornam

chave para uma boa exegese e ligação entre as três histórias, esses verbos são: perder, arrepender, encontrar, alegrar, festejar.

Também podemos dizer que quando celebramos dominicalmente a Páscoa do Senhor, estes verbos que interligam o texto, também interligam a celebração; pois a cada celebração somos chamados a nos encontrar, a reconhecer que somos pecadores e pedir perdão, a nos alegramos e festejamos a Páscoa do Senhor.

Entretanto, neste trabalho, damos maior atenção ao trecho do texto de Lucas que vai dos versículos 11-31.

Lendo as cartas de São Paulo, por duas vezes, ele nos ensina que pela graça do Espírito Santo, podemos chamar Deus de Pai (Rm 8,15; Gl 4,6). Se Deus é nosso Pai, logo somos herdeiros e assim também o nosso texto apresenta essa realidade.

Na parábola de Lc 15, 11-32 nos é apresentado um pai que tem dois filhos. Conta-nos a parábola que o mais novo pede sua parte da herança. Com essa atitude podemos dizer que esse filho matou em seu coração o pai, e depois de alguns dias saiu de casa (Lc 15,12-13). Deus como um bom pai, não nos tira a liberdade, porém quer que fiquemos com Ele, entretanto quando optamos por sair de sua presença, nos deixa livres para partir, assim igualmente fez o pai da parábola.

Partindo para uma terra distante, o jovem gasta toda herança recebida e quando chega um período duro e de escassez, vai cuidar dos porcos nos campos, porém nem a comida dos animais sobram para que ele possa matar sua fome. O filho mais novo só volta a lembrar da casa paterna quando a necessidade bate à sua porta, pois vem em sua mente que na casa de seu pai nem os empregados passam necessidade; por isso ele diz: "pai pequei contra o céu e contra ti" (Lc 15,18-19.21).

Ao dizer: "pequei contra o céu e contra ti", podemos aqui observar o reconhecimento de que ele, o filho, pecou; nessa afirmação podemos observar que todo pecado é uma ofensa aos céus, ou seja, a Deus, e ao próximo, afinal de contas toda lei se resume no amor a Deus e ao próximo.

O pecado também faz com que rompamos a nossa comunhão

eclesial, mas não somente, o pecado também nos aparta da Eucaristia. Esse rompimento não quer dizer que não somos mais membros do corpo de Cristo, porém, o estar em estado de pecado nos torna membros inertes, membros que não possuem uma plenitude na comunhão com seus irmãos.

Depois de reconhecer que pecou, o filho mais novo resolve voltar para a casa do Pai. Aqui vale ressaltar ao menos dois pontos: o primeiro é o dinamismo da conversão; enquanto vida tivermos, estaremos propensos às quedas, propensos a nos encontrarmos nesse estado de separação da comunidade e da Eucaristia. Porém, uma vez arrependidos, podemos ser reintegrados a essa comunhão pelo sacramento da reconciliação. Deus concede o perdão para todo aquele que o busca de coração sincero.

Na Catena Aurea, há um comentário de Santo Ambrósio que diz: "quem retorna a Deus, retorna a si mesmo, e quem se separa de Jesus Cristo separa-se de si próprio".

Esse movimento de volta do filho nos leva ao segundo ponto, que é o motivo pelo qual há o retorno para a casa do pai. Ao estudarmos sobre o sacramento da confissão no catecismo, vemos que esse movimento de volta, de arrependimento, dá-se o nome de contrição, esta por sua vez pode ser perfeita ou imperfeita.

A contrição perfeita implica na conversão por amor, sem nenhum interesse, ou seja, volta-se a comunhão com Deus simplesmente porque ama-se a Ele de todo o coração e arrepende-se de tê-lo ofendido. Já na contrição dita imperfeita ou atrição, há um interesse por trás do arrependimento, em outras palavras o motivo do arrependimento não é simplesmente por amor a Deus, o arrependimento pode ser porque se tem medo do inferno, por exemplo.

Dito isto, ao analisarmos a atitude do filho, pode-se dizer que seu arrependimento foi imperfeito, pois ele não volta para casa porque amava o pai e queria pedir perdão pelo seu erro, o filho põe-se a caminho de volta porque sentiu fome, porque se viu sem dignidade alguma. É só por isso que ele volta.

Mas o que nos chama a atenção, e é o ponto central desse texto, é a

atitude do pai, que ao ver o filho na estrada, o reconhece ainda ao longe e sai ao seu encontro às pressas correndo e lança-se ao seu pescoço, cobrindo-o de beijos. Ao pedido de perdão do filho, aparentemente o pai dá pouca importância, pois o mais importante para ele é ter o seu filho novamente.

Nos atos do pai de correr, abraçar, cobrir de beijos o filho e logo depois se dirigir aos empregados e pedir para que eles tragam novas vestes, sandálias e anel, enxergamos aqui a misericórdia de Deus sendo derramada e nossa dignidade sendo restauradas todas as vezes que buscamos o perdão pelo sacramento da confissão.

Com o perdão recebido, mais uma vez voltamos a comunhão plena com a Igreja e com os irmãos, e não só isso, pelo encontro com a misericórdia de Deus agora pode-se tomar parte de seu banquete, que hoje, é oferecido pela Igreja na celebração da eucaristia.

Assim, pode-se afirmar que uma vez separados da Igreja, dos sacramentos, dessa comunhão eclesial, só é possível voltar de forma plena se primeiro se buscar o perdão.

Por fim, e não menos importante, não se pode deixar de falar da eucaristia como alimento que cura e fortalece. É alimento de cura, pois uma vez que se comunga sacramentalmente os nossos pecados veniais são apagados, e sendo alimento salutar fortalece o fiel, pois a comunhão sacramental ajuda a permanecer em estado de graça apartando do pecado e fortalecendo na união com o Cristo.

2 ESTRUTURA DA MISSA

Não diferente do texto evangélico, a celebração da Eucaristia também apresenta uma estrutura que, se olhada atentamente, irá fazer com que seja possível voltar o olhar ao cerne deste texto que é o pedido do perdão para só depois participar do banquete eucarístico. Sabe-se bem que na santa missa o fiel é chamado a participar de dois banquetes, o da palavra e o da Eucaristia, mas antes de tomar parte na mesa da palavra e

da comunhão eucarística se é convidado, a voltar para si e reconhecer que se é pecador e, assim, pedir perdão.

Para ajudar ao fiel em tal ato, o Missal romano propõe algumas fórmulas, dentre elas, o *confiteor* que traz uma frase quase que identifica ao que filho mais novo apresentado no texto de Lucas disse. Enquanto o texto de Lucas traz a frase: "Pai, pequei contra o céu e contra ti" (Lc 15, 18.21), na missa se diz: "confesso a Deus (céu) todo-poderoso e a vós irmãos (o outro) que pequei". E na fórmula de absolvição, ocasião na qual se pode ouvir: "Deus tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nós conduza a vida eterna", tem-se aí as palavras que remetem aos gestos do pai misericordioso apresentado no texto lucano, este que acolhe, perdoa seu filho, e restaura sua vida e dignidade para só depois festejar.

O padre Leo J. Trese, em seu livro "A fé explicada", recorda ao falar da missa, quem poderia participar da liturgia eucarística, na Igreja primitiva. Estes eram somente os batizados que não estivessem sob interdito, os catecúmenos e os penitentes públicos deviam abandonar a assembleia quando chegava a esse momento, ou seja, primeiro é necessário a purificação, para só depois fazer a comunhão. O evangelho segundo Mateus, em 5,23-24, também remete a essa necessidade quando lembra de que se alguém tem alguma contenda com o seu irmão deve primeiro reconciliar-se para só depois voltar e oferecer a oferta diante do altar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, mediante de tudo que se foi exposto neste texto, acredita-se que fica ratificada a necessidade do perdão para autêntica participação na eucaristia e na Igreja (*ekklesia*). Na verdade, defende-se aqui que o perdão é a chave necessária para uma vida plena seja no lugar em que se vive, pois os cristãos devem ser construtores de pontes e não de muros.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Santo Tomás de. *Catena Aurea* – Exposição contínua sobre os

Evangelhos. Vol. 3: Evangelho de São Lucas. Campinas - SP: ed. Ecclesiae, 1ª edição, 2020.

*BÍBLIA de Jerusalém***.** São Paulo: Paulus, 2002, 7ª imp., 2011.

BÍBLIA Sagrada. Tradução oficial da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 3ªed., 2019.

CATECISMO da Igreja católica. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

TRESE, Leo J. *A fé explicada***.** São Paulo: Quadrante, 15ª ed., 2021.